

Figurações do feminino em Lígia Fagundes Telles

*Giovana Leme Bardi*⁵⁸

Resumo

Essa apresentação trata de algumas das configurações dos papéis femininos que se apresentam em dois contos de Lygia Fagundes Telles, “Uma branca sombra pálida” (1995) e “Senhor Diretor” (1977). Neles, protagonistas femininas refletem sobre temas como sexualidade e papéis sociais. Isso faz com que seja necessário investigar de quais modos as mulheres – as mães e as solteiras – são retratadas na tradição ocidental e quais os impactos de tal tratamento nos contos selecionados. Em *O segundo sexo* ([1949] 2009), Simone de Beauvoir afirma que haveria uma divisão entre dois tipos de mulheres: as “boas”, que desempenhariam os papéis de cuidado a elas atribuídos, e as “más”, já que negariam de alguma forma essas atividades. O primeiro grupo seria composto pelas mães, pelas avós e pelas “criadas amorosas, irmãs de caridade, enfermeiras de mãos maravilhosas”. Essas se oporiam às sogras e às madrastas, associadas à decrepitude ao “aspecto cruel da maternidade”. Para tal pensamento, não haveria a possibilidade de o exercício da maternidade comportar experiências e comportamentos destrutivos. Articularemos, então, as ideias de uma sociedade patriarcal que produz normas a respeito do comportamento feminino com os dois contos. Isso porque, no primeiro, há uma narradora-mãe que demonstra, em seu discurso, não gozar de nenhuma espécie de “dom” ou capacidade inerente a seu gênero para o exercício da maternidade. No segundo, a protagonista reproduz discursos de repressão sexual e misoginia. A mãe de Gina, com seu comportamento invasivo e violento, mostraria que o desempenho da maternidade dependeria daquilo que a mulher experienciase e absorvesse de nossa sociedade. Em um ambiente pouco aberto à diversidade, a lesbofobia violenta da voz narrativa não surpreende. Já Mimi, em “Senhor diretor”, nos mostraria uma mulher como reprodutora de discursos dominantes, ainda que, de muitas formas, estes sejam violentos em relação a ela mesma, dado que a impelem a um comportamento pautado por um medo constante.

Palavras-chave

Lygia Fagundes Telles; conto; figurações do feminino.

58 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contato: giovana.bardi@usp.br

Na vasta produção de contos de Lygia Fagundes Telles, são encontradas narrativas cujos personagens ou enredos apontam para o contexto social brasileiro, demonstrando afinidade entre a produção artística e as preocupações contemporâneas sem, no entanto, se limitarem a isso. Dentre eles, deparamo-nos com algumas narrativas que se apropriam de discursos conservadores em relação às estruturas de poder vigentes em nossa sociedade. Nesse sentido, nosso objetivo neste trabalho é analisar a construção dessas vozes nos contos “Uma Branca Sombra Pálida” (1995) e “Senhor diretor” (1977), a fim de identificarmos os mecanismos de controle nos quais seus discursos se embasam, além de analisarmos a construção das personagens feita por essas vozes.

Para a análise e interpretação do *corpus* selecionado neste trabalho, é importante considerar as teorias sobre os mecanismos discursivos de controle dos corpos, além de dar atenção aos estudos sobre família já produzidos, especialmente àqueles que têm como objeto central a família brasileira. Isso porque, nos contos de Lygia Fagundes Telles aqui selecionados, há o privilégio das imagens familiares e nos interessa compreender de que maneira essas imagens se aproximam ou não daquelas tradicionalmente traçadas a respeito da família no Brasil. Nos contos, as mães e as avós desempenham papéis essenciais para as narrativas e há um apagamento das figuras masculinas.

Sobre os mecanismos de controle, embasam nossas análises os pensamentos de Foucault (2009) sobre a disciplinarização dos corpos. Segundo o autor,

Estamos na sociedade do professor-juiz, do médico-juiz, do educador-juiz, do ‘assistente-social’-juiz; todos fazem reinar a universalidade do normativo; e cada um no ponto em que se encontra, aí submete o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos (FOUCAULT, 2009b, p. 288).

Não por acaso, as narrativas com as quais trabalhamos apresentam narradores e personagens que anseiam por corpos submissos à normatividade. Em “Uma Branca Sombra Pálida” (1995), a mãe de Gina devaneia, diante do túmulo da filha, sobre sua incapacidade de controlar os desejos da menina, que é descrita pela mãe como “geniosa”. Em “Senhor Diretor” (1977), temos uma protagonista, Maria Emília, que anseia pela supervisão ininterrupta dos corpos alheios, a ponto de escrever para uma figura de autoridade a fim de fazer tal pedido.

É possível articular as ideias de uma sociedade patriarcal que produz normas a respeito do comportamento das mulheres de modo mais do que direto com dois contos do *corpus*, “Uma branca sombra pálida” (1995) e “Senhor diretor” (1977). Isso porque, no primeiro, há uma narradora-mãe que demonstra ter dificuldades de relacionamento com a filha e não gozar de nenhuma espécie de “dom” ou capacidade inerente a seu gênero para o exercício da maternidade. No segundo, Maria Emília, protagonista, reproduz discursos de repressão sexual e misoginia. Essas observações corroborariam a hipótese de que as personagens procuram obedecer a padrões sociais que as extrapolam. A mãe de Gina, com seu comportamento invasivo e violento, poderia demonstrar que a maternidade não é algo natural, mas aprendido socialmente. Assim, o desempenho da maternidade dependeria daquilo que a mulher experienciase e absorvesse de nossa sociedade. Em um ambiente violento e pouco aberto à diversidade, a lesbofobia violenta da voz narrativa não surpreende. Já Mimi, em “Senhor diretor”, nos mostraria uma mulher como reprodutora de discursos dominantes, ainda que, de muitas formas, estes sejam violentos em relação a ela mesma, dado que a impelem a um comportamento pautado por um medo constante.

A partir desses apontamentos, é possível considerar o que afirma Beauvoir, em sua obra de 1949: “Glorificar a mãe é aceitar o nascimento, a vida e a morte em sua forma animal e social, é proclamar a harmonia da natureza e da sociedade”. Assim, uma tradição que não apenas propõe mas exalta o modelo de maternidade trabalhado até aqui seria uma tradição conservadora, na qual o mito da mãe acolhedora serviria para manter o *status quo*, pois manteria as mulheres submissas e daria origem a crianças igualmente submetidas à lógica patriarcal. Ademais, essa visão de mundo pensada para aqueles que já detém o poder se caracteriza por encarar as relações sociais como harmoniosas. Negar os conflitos e tentar mascará-los por meio da imposição de costumes que negam as experiências múltiplas dos indivíduos é uma forma de conservadorismo. A quem interessaria uma mãe angelical e “boa” senão àqueles interessados em manter a ordem social? É preciso considerar que impor o exercício da maternidade como natural às mulheres e acrescentar a isso a imposição da ternura, do acolhimento e do cuidado constante seria um duplo fardo.

Se em “Uma branca sombra pálida” o que nos informa sobre o conservadorismo da narradora é o controle que exerce na vida de Gina, sua filha, com o monitoramento de suas atividades, o pensamento conservador da protagonista de “Senhor Diretor” aparece por meio de suas próprias palavras. Ao encontrar com

uma reunião de feministas que discutiam a “imagem da mulher-objeto” (p. 14), Maria Emília reage de maneira dúbia, já que, em parte concorda com algumas das pautas, principalmente ao lembrar de sua mãe, e em parte se questiona a respeito da validade ou necessidade daquelas reivindicações – “tanta mudança de repente não pode ser prejudicial?” (p. 14). Ao ver uma advogada discutir crimes sexuais, se espanta com o uso repetido da palavra “clitóris” – “e com homens por ali, eu já não sabia onde enfiar a cabeça” (p. 15). Sua tentativa de tratar a situação com naturalidade se mostra falha, uma vez que assume ter acabado aplaudindo mais que todas as outras presentes por não saber como reagir. O excesso da palavra “clitóris”, que aparece quatro vezes em quatro linhas, provoca na narradora a rememoração de sua mãe: “agulheiro – simples instrumento de penetração”, “quarenta anos de casamento sem prazer: um agulheiro calado” (p. 15). Para a mãe, que não sofrera a clitorictomia como as mulheres sobre as quais a advogada falava, a experiência sexual que tampouco fora prazerosa, mas antes marcada pela violência de gerar e parir oito filhos sem nunca encontrar prazer na atividade sexual. Neste cenário, pode-se pensar a condição da protagonista e de sua mãe a partir das reflexões feitas por Heleieth Saffiotti em “A mulher na sociedade de classes”:

A socialização da mulher se orienta por valores que a definem como mantenedora da ordem social estabelecida, como defensora da organização familiar e na ordem moral nas quais a criança deve aprender a ser um adulto semelhante ao pai quando menino, semelhante à mãe quando menina, como aquela, enfim, cuja existência deve ser inteiramente, ou quase, dedicada à vida familiar e, às vezes, a atividades que visam ao estreitamento dos laços comunitários (1976, p. 306)

As expressões empregadas para caracterizar a mãe denotam um sofrimento corporal continuado, de longa duração, que é experimentado pela filha de um outro modo, mas que se faz igualmente presente e que igualmente perdura por muitos anos. [Há paralelo disso em *O Espartilho*]. Observa-se, nesse sentido, o espelhamento das relações parentais, sugerido por Saffiotti, a partir do qual a protagonista, assim como a mãe, encara as demandas sexuais do corpo como obrigação a ser cumprida, e não como desejo a ser respeitado. A mãe teria ensinado à filha que o exercício da sexualidade implica em dor. “Agulheiro calado” (p. 15), a figura materna não teria experimentado o prazer sexual ao longo de toda sua vida, motivo que Maria Emília vê como origem daquilo que identifica como medo de sua própria sexualidade. A única experiência relacionada ao corpo de Maria Emília à qual

temos acesso é da visita da jovem narradora a uma médica para tratar de um corrimento. A doença identificada, “flores brancas” (p. 19), seria uma condição típica de jovens virgens. Naquela situação, mãe e filha compartilhavam a fonte de suas aflições: é do mesmo lugar de onde sai o fluxo incômodo da narradora que vêm os sofrimentos de sua mãe. Para sua mãe e sua avó, o sexo não era mais do que o cumprimento de seus “deveres de esposa” (p. 19) e, sendo Maria Emília solteira, não haveria, segundo sua perspectiva, justificativa para que se expusesse a tais sofrimentos.

Dessa forma, nossa investigação se baseia nas figurações da maternidade em dois contos de Lygia Fagundes Telles. A partir disso, analisamos as figurações do papel feminino no contexto familiar, de modo que as protagonistas dos contos reproduzem os mesmos discursos conservadores pelos quais são inferiorizadas.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1949] 2009.

BOSI, Alfredo. A decomposição do cotidiano em contos de Lygia Fagundes Telles. In: _____. *A estrutura da bolha de sabão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. The brazilian family. In: SMITH, Lynn T. MARCHANT, Alexander (Eds). *Brazil: portrait of half a continent*. Nova York: The Dryden Press, 1951.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes*. Petrópolis: Vozes, 1976.

TELLES, Lygia Fagundes. Uma branca sombra pálida. In: _____. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. Senhor diretor. In: *Seminário dos Ratos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.